



ZOOLOGIA

I. DESCRIÇÃO DO PEIXE PIRARUCU

E

MEMÓRIA SOBRE O PEIXE PIRARUCU, DE QUE JÁ SE REMETERAM DOIS DA VILA DE SANTARÉM PARA O REAL GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL E AGORA SE REMETEM MAIS CINCO DESTA VILA DE BARCELOS, OS QUAIS VÃO INCLUÍDOS NOS CINCO CAIXÕES QUE CONSTITUEM PARTE DA SEXTA REMESSA DO RIO NEGRO (*)

PISCES

LINNAEUS

SYSTEMA NATURAE

ABDOMINALES

Paraensibus

Pirarucu

CAPUT oblongum, porrectum, depressum, declive, corpore angustius, supra planum, nudum, osseo loricatum, scabrum, hinc inde longitudinaliter radiatum; radiis scabris, tuberculatis, distinctis, interdum dichotomis. Os adscendens, rictu amplo, maxilla superiore plana, brevior; inferiore adscendente, paulo longior. OCULI poene rictum; supra angulos oris; magni, rotundi, distantes. Irides flavae. Pupilla nigra. NARES foramina 4; rotunda; anterioribus e cute communi tentaculatis. DENTES in maxillis ossei; distincti, obtusi, superioribus, maioribus, minutissimi in palato, confertissimi incisores maxillae superioris longiores; molares in utraque breviores. LINGUA osse scaten ligulato, subtus lovi concavi, supra plano, denticulato; denticulae confertis, acutis. OPERCULA ossea, lamellata, longitudinali radiata; radiis scabris, distinctis, interdum dichotomis. MEMBRANA BRANCHIOS-

(*) Esta Memória foi publicada na sua versão original, por Alípio de Miranda Ribeiro, nos Arquivos do Museu Nacional, volume 12: 155 — 158, 1903. Os dois manuscritos — Descrição e Memória — na Biblioteca Nacional, possuem o mesmo conteúdo.

TEGA radiis 9-10, osseis, planis. **TRUNCUS** corpus elongatum, teres, octopedale, et ultra; crassities 4 pedum. **Pondus** non raro 200 tb, et ultra. **LINEA LATERALIS** tecta; e singulis excavationibus in squamis singulis. **SQUAMAE** magnae, fixae, osseae, scabrae, rhombeae, imbricatae, marginibus membranaceis, kermesino colore pictis, unde paraensibus pirarucu; lixa quod ad juntornariorum pro radendis lignis.

ARTUS PINNAE PECTORALES abdominalibus longiores, latiores; 9-11 radiatae; radiis osseis, muticis. **ABDOMINALES** remotae, 5-6 radiatae. **DORSALIS** solitaria supra caudam; paulo longior anali; utraque opposita, ad cauda excurrens, et cum caudali fere coadunata. **D.** radiis 35-40. **A** paulo minus. **CAUDALIS** parva, integra, rotunda, radiis 24. **PISCES** pulcher, valens, edulis, victus non tenuis, nec saporis delicati. **Victitat** insectis, vermibus fluvialibus, piscibus aliis, etc. **Faemina** ova ab ipsis depositae, imo et pisciculos exclusos sub operculis fovent. **HABITAT** in flumine Amazonico, et in coeteris confluentibus.

HISTÓRIA

Os índios das duas Capitanias do Estado do Grão-Pará denominam este peixe de pirá-urucu, devido à cor que possuem as membranas das margens exteriores de suas escamas, que orlam as mesmas, significando, entre nós, peixe pintado de urucu. Assim se chama uma árvore do país, que já é muito conhecida pelos botânicos europeus, sob a denominação de *Bixa orellana*, de cujas sementes se extrai a fécula chamada Urucu entre nossos droguistas ou «achiote», ou «le rocou», etc., entre os franceses. Quase todo índio se pinta com ela e talvez por esta razão, refletindo eles na cor do peixe, lhe dessem o nome que até hoje se conserva.

Os nativos, quanto à cor interna, depois do peixe esfolado, distinguem-nas em cores branca e amarela. Ele se alimenta de insetos e vermes aquáticos e de outros peixes tais como a pescada, o aruanã, o tucunaré, a traíra, o pirapucu, o mapará e outros que eu encontrei em seu estômago. As fêmeas desovam no início das enchentes de maneira muito interessante. Colocam a cauda contra a correnteza do rio e abrem os opérculos das brânquias, como a galinha abre as asas para agasalhar os pintos, esperam que os ovos desçam com a correnteza para dentro do opérculo onde se recolhem para não se extraviarem. Eles se abrigam dentro dos opérculos, se agasalham e daí saem os alevinos, já em forma de peixe, os quais, quando pequenos, sempre andam em cardumes, ora soltos ora presos ao dorso e aos lados do corpo de suas mães,

sem nunca perderem o tino de se refugiarem debaixo de seus opérculos, principalmente quando perseguidos por outros peixes que os devoram.

Existem ovas que têm comprimento de 3 palmos, tendo cada ovo o volume de um grão de chumbo grosso, porém nem todos entram debaixo dos opérculos sendo devorados pelos outros peixes. Contudo em ambas as Capitanias do Pará e do Rio Negro é tal a quantidade de pirarucu, que dele fazem provisões, de peixe seco e peixe na salmoura, o primeiro para alimento dos índios remadores das canoas, o segundo para as mesas particulares, quando não há o peixe fresco. Em todo tempo se pesca, porém no verão é a época melhor, pois o pirarucu é retido nos lagos e nesse período a carne salgada seca melhor ao sol.

Pesca-se de modos diferentes: com anzol, com arpão, com redes, com tapumes de vara. O mais comum é arpoá-los com arpoeiras de preferência com as cordas da entrecasca do castanheiro novo, pois o pirarucu é um peixe alentado e furioso, e para segurá-lo depois de arpoado é necessário braço e arpoeira fortes. Ele também é um dos maiores peixes do Estado, chega a três varas de comprimento por uma vara e dois palmos de grossura. O ferro do arpão deve ser mais comprido do que o usado para o peixe-boi, para lhe furar bem o dorso, já que seus músculos dorsais são flácidos e ele escapa se o arpão prender superficialmente. A arpoada sobre o lombo não é bem sucedida: quanto mais se aproxima da cauda, melhor para segurar o peixe, porque ali tem os músculos mais firmes e tenazes e ali também a sua maior força, que perde com facilidade desde que sangue.

Não há rede de fiado de algodão que resista à sua força e por este motivo costumam arpoá-lo com rede de corda da entrecasca da castanheira preta ou da embira preta, com malha de um palmo de largura. Os cacuris, ou tapumes, devem ser fortes para o peixe não os quebrar com a força de seus músculos.

Quanto aos seus usos dietéticos, é um peixe selvagem, de pouco ou nenhum sabor; come-se cozido, assado e de escabeche, enquanto fresco. Há pirarucus que dão duas arrobas de peso quando salgados e uma arroba quando secos. Primeiramente se esfolia todo o peixe, depois se espolpa e se retalha, antes de o salgar por cerimônias, porque, com um alqueire de sal moído, nunca se salgam menos de 30 arrobas. Se não lhe espremerem o óleo, como se faz ao peixe que se vai conservar espremendo em prensas próprias para isso. Da falta dessa cautela e não colocarem sal suficiente lhe sucede o mesmo que ao peixe-boi, logo se torna rançoso e em pouco tempo adquire uma cor, um cheio e sabor que

não se tolera; e se comer assim, não há remédio senão padecer por força dos vasos sanguíneos (câmaras de sangue), corrupção e outras enfermidades que não tardam muito a acometer os índios remadores nas viagens mais longas. O pirarucu bem salgado e seco é o bacalhau do Pará, assim como o peixe-boi em salmoura lembra um pouco do atum do Reino.

O osso da língua do pirarucu é o ralador com que os nativos costumam ralar o guaraná, o cravo da terra ou puchuri, a noz-moscada etc. As suas escamas são a principal lixa dos carpinteiros e torneiros e outros profissionais de classes diferentes.

Barcellos, 30 de abril de 1787.

(Códices B. N. 21.1.1 n° 26 e 21.1.1 n° 28)

Fosse esta Memória publicada antes de 1829, época em que primeiro Cuvier e logo a seguir, no mesmo ano, Agassiz, publicaram descrições desse peixe, sua autoria seria de Alexandre Rodrigues Ferreira, já que apresentada em latim e em nomenclatura binominal teria prioridade de acordo com as regras internacionais de nomenclatura zoológica.

Os dados apresentados sobre a biologia e alimentação da espécie, sobretudo no processo da desova, foram as primeiras anotações nesse sentido e são de importância.

II. RELAÇÃO DOS PEIXES DOS SERTÕES DO PARÁ (*)

- | | |
|------------------------------------|---|
| 1. piraíba, grande | <i>Brachyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819). Pimelodidae. |
| 2. piramutaba | <i>Brachyplatystoma vaillantii</i> (Valenciennes, 1840). Pimelodidae. |
| 3. piramiuna ou dourada, grande | <i>Brachyplatystoma flavicans</i> (Castelnaud, 1855). Pimelodidae. |
| 4. bagre | Designação genérica de várias espécies de Ariidae. |
| 5. cangatá, bom | Segundo Goeldi, é um sinônimo de gurijuba (vide relação dos peixes da costa). Ariidae. |
| 6. mandií, bom | Provavelmente uma espécie de <i>Pimelodus</i> . Pimelodidae. |
| 7. piracatinga | De acordo com Goeldi, este nome se refere a <i>Luciopimelodus pati</i> (Valenciennes, 1840). Porém, designa também <i>Calophysus macropterus</i> (Lichtenstein, 1819). Pimelodidae. |
| 8. piranambu, bom | <i>Pirirampus pirinampu</i> (Sprix, 1829). Pimelodidae. |
| 9. cuiucuiú, bom, grande | <i>Oxydoras niger</i> (Valenciennes, 1817). Doradidae. |
| 10. bacu, muita espinha nas costas | Nome genérico de várias espécies da família Doradidae. |
| 11. pirá-andira, bom | Provavelmente <i>Rhaphyodon vulpinus</i> Agassiz, 1829. Cynodontidae. |
| 12. mandubé, bom | Designa várias espécies do gênero <i>Ageneiosus</i> . Ageneiosidae. |

(*) As anotações à direita da lista ou relação e as referências bibliográficas são de autoria dos doutores Heraldo Britski e José Lima de Figueiredo, ictiólogos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

13. carataí

Centromochlus heckeli (Filippi, 1853).

Segundo Goeldi, designa também *Pseudauchenipterus nodosus* (Bloch, 1794) em Magoari e *Anadoras weddellii* (Castelnau, 1855) em Marajó.

14. arraia-iaueira

Não conheço nenhuma referência sobre este nome. Provavelmente, trata-se de um Potamotrygonidae.

15. narinari, espécie de raia

Segundo Vasconcellos, designa uma arraia marinha, *Aetobatis narinari* (Euphrasen, 1790). Entretanto, sendo esta uma lista de peixes de água doce, permanece a dúvida. Myliobatidae.

16. jataurana, carregado, muita espinha

Goeldi cita «jatoarana» como *Hemiodus microcephalus* Günther, 1864 e «jatuarana» como *Chalceus taeniatus*

17. curimatá, bom

Refere-se a várias espécies do gênero *Prochilodus*. Prochilodontidae.

18. jaraqui, bom

Designa algumas espécies do gênero *Prochilodus* de porte pequeno que têm a nadadeira dorsal e caudal atravessadas por barras escuras, inclinadas. Prochilodontidae.

19. tucunaré, bom

Cichla ocellaris Schneider, 1801 e/ou *Cichla temensis* Humboldt, 1833. Cichlidae.

20. surubim, bom, grande

Pseudoplatystoma fasciatum (Linnaeus, 1766) e/ou *Pseudoplatystoma tigrinum* (Valenciennes, 1840). Pimelodidae.

21. pirá-ipeaua, peixe-pau, bom, grande

Platystomatichthys sturio (Kner, 1857). Pimelodidae. Segundo Ihering, escreve-se também «pirapeuaua».

22. tambaqui, muita espinha

Colossoma macropomum Cuvier, 1818. Characidae.

23. pirapitinga, muita espinha

Colossoma bidens Agassiz, 1829. Characidae.

24. piranha

Designação genérica de várias espécies do gênero *Serrasalmus*. Characidae.

25. pacutinga, bom

Para Goeldi, este nome é dado à espécie *Myloplus rubripinnis* (Mueller & Troschel, 1844); entretanto, penso

- que também deve referir-se a *Mylossoma duriventris* (Cuvier, 1818) e *Mylossoma aureum* (Agassiz, 1829). Characidae.
26. taraira, bom, muita espinha *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794). Erythrinidae.
27. jundiá, bom «Jandiá» designa várias espécies de Pimelodidae, especialmente as do gênero *Pimelodus* e *Rhamdia*.
28. jacundá, bom Designa as espécies do gênero *Crenicichla* e *Batrachosp*, isto é, os Cichlidae de corpo alongado.
29. jeju, bom, muita espinha *Hoplerythrinus unitaeniatus* (Spix, 1829) Erythrinidae.
30. muçu Também muçum. *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795. Synbranchidae.
31. carapé, muita espinha Nada sei a respeito desse nome. Se for uma corruptela de acarapeba, designa um Cichlidae.
32. puraquê, muita espinha Também poraquê e peixe-elétrico. *Electrophorus electricus*. Electrophoridae.
33. acará-açu, bom Também apaiari. *Astronotus ocellatus* (Cuvier, 1829). Cichlidae.
34. acaratinga, bom *Geophagus surinamensis* (Bloch, 1791), de acordo com Goeldi, Cichlidae.
35. acarapixuna, bom *Cichlaurus coryphaenoides* (Heckel, 1840) de acordo com Vasconcellos. Cichlidae. Goeldi cita também sob este nome *Tetragonopterus abramis* (Characidae), no que ele está errado, pelo menos com respeito à espécie.
36. acará-araruá, bom *Uaru amphiacanthoides* Heckel, 1840, segundo Goeldi. Cichlidae.
37. acará-mererê, bom Goeldi cita «acará-bererê» como *Cichlaurus festivus* (Heckel, 1840) e Vasconcellos «morerê» ou «acará-disco», referindo-se a *Symphysodon discus* Heckel, 1840. Cichlidae.
38. acarapixuna, bom Vide nº 35.
39. mafurá, bom Refere-se a uma espécie de Serrasalminae, muitas vezes chamada «piranha»

40. acaraponga

mafurá», provavelmente se tratando de espécie do gênero *Pygopristis*.

41. acaratauá-puá, bom

Não conheço qualquer referência sobre este nome. Provavelmente, trata-se de uma espécie de acará. Cichlidae.

42. uatucupá ou pescada, bom

Idem.

Sob este nome são designados os Sciaenidae do gênero *Plagioscion*.

43. pacupitanga, bom

Não conheço qualquer referência sobre este nome. Porém, evidentemente, trata-se de um Myleinae. Se for uma corruptela de pacupiranga, trata-se de *Myleus* sp. Characidae.

44. aracu, muita espinha

Designação genérica de várias espécies de *Leporrinus*, principalmente *L. fasciatus* (Bloch, 1794). Anostomidae.

45. arauri ou sardinha, muita espinha

Refere-se às espécies do gênero *Triportheus*. Characidae.

46. aramaçá

Linguado de água doce do gênero *Achirus*. Achiridae.

47. j a n d i á - a ç u, carregado, grande

Deve referir-se a um Pimelodidae de grande porte, que não tenho elementos para especificar.

48. mamaiacu, não se come

Colomesus asellus Mueller & Troschel, 1848. Tetrodontidae.

49. pirarucu, grande

Arapaima gigas (Cuvier, 1829). Osteoglossidae.

50. itui, muita espinha

Nome de várias espécies de gymnotóideos, também conhecidas como sarapó e tuvira.

51. acari ou cascudo

Designação dos peixes da família Loricariidae, especialmente os do gênero *Plecostomus* e *Pterygoplichthys*.

52. tamoatá ou cascudo

Designa os peixes da família Callichthyidae, principalmente *Hoplosternum litorale* (Hancock, 1828) e *Hoplosternum thoracatum* (Valenciennes, 1840).

53. pirarara, grande

Phractocephalus hemiliopterus (Schneider, 1801). Pimelodidae.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

SITE: bv.cultura.am.gov.br



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**